

“As condições de negociação vão melhorar”

O Brasil deve primeiro fazer o acordo com o FMI para depois poder negociar melhor com os banqueiros, disse ontem o vice-diretor do Departamento de Relações Comerciais e Cambiais do Fundo, Wilfred Beveridge, que faz parte da missão de técnicos do organismo que discute a nova carta de intenções com as autoridades brasileiras. Lembrou que o acordo fechado será fator de maior confiança por parte da comunidade financeira internacional.

Segundo Beveridge, a partir do fechamento do acordo com o Fundo, o Brasil terá várias alternativas para resolver seus problemas, mas, qualquer que seja a forma escolhida pelo governo, terá de ser feita de maneira ordeira e consistente com os interesses da comunidade financeira internacional e dos parceiros comerciais do País.

Beveridge comentou a importância que deve ter tido o editorial publicado pelo jornal americano **New York Times**, que defendeu maior ajuda ao governo Reagan ao Brasil. Segundo Beveridge, o posicionamento do jornal é relevante porque certamente encontrará ressonância junto à sociedade dos Estados Unidos, uma vez que é um órgão que reflete o pensamento de uma considerável parcela da opinião pública dos EUA.

O diretor da divisão para o Brasil do FMI, Thomas Reichmann, afirmou que não acredita na possibilidade de uma moratória unilateral, mas garantiu que não existe nenhuma cláusula, no acordo entre o Fundo e as autoridades econômicas, que faça restrição a que esta medida venha a ser adotada pelo País.

Reichmann observou que uma moratória negociada, por outro lado, não seria diferente do projeto 2 (rolagem de amortizações do principal) da renegociação da dívida brasileira. Disse que para se conseguir prazos mais longos de carência haveria apenas a necessidade de negociações junto à comunidade financeira.